



**A ORDEM DE SÃO LÁZARO DE JERUSALÉM (1130-1291):
O PAPEL ASSISTENCIAL AOS LEPROSOS NA TERRA SANTA DURANTE
AS CRUZADAS.**

Ismael Tinoco¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo demonstrar como o projeto assistencial empreendido pela ordem de São Lázaro em Jerusalém proporcionou a inserção dos leprosos nas atividades das Cruzadas na Terra Santa.

Palavras-chave: Assistência. Lázaro, Leproso, Ordem religioso-militar.

Abstract: This article aims to demonstrate how care project undertaken by the Order of Saint Lazarus in Jerusalem provided the insertion of lepers in the activities of the Crusades in the Holy Land

Keywords: Assistance. Lazarus, Lepers, Religious military order.

Introdução

Nenhuma ordem religioso-militar foi tão singular e, ao mesmo tempo, heterogênea em sua composição e formação identitária no período das Cruzadas como a ordem de São Lázaro. O percurso evolutivo que propomos no âmbito deste artigo tem suas delimitações, motivo pelo qual alertamos ao leitor para o fato que dentre todas as ordens na Terra Santa, sejam elas direcionadas para a atividade militar, hospitalaria, caritativa ou ambivalente, (como parece ter sido o caso da ordem de São Lázaro) criadas para a defesa e proteção das rotas cristãs de peregrinação e dos lugares sagrados do Cristianismo, a ordem de São Lázaro fora a menor de todas. No âmbito do artigo, oferecemos uma análise institucional da ordem no período cruzadino enfatizando os aspectos institucionais, mais em caráter informativo do que explicativo, tendo em vista que dispomos de uma única fonte para remontar a história institucional da referida

¹Mestrando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. (PPGHC-UFRJ). Membro do LEPeM- Laboratório de Ensino e Pesquisa em Medievalística. (LEPeM-UFRuralRJ).

ordem presente em seu único sobrevivente cartulário que dispõe de 40 atos que cobrem o período de 1130 até 1243 (MARSY, 1883:123-157 apud SAVONA, 2006).

A história de todas as ordens militares, originárias do período das Cruzadas na Terra Santa, apresenta-se recheada de pontos destoantes, variando entre realidades e mitos. As produções historiográficas das ordens refletem de certa maneira os mitos. Tendo em vista que no século XVII-XVIII o prestígio de uma instituição ou *status* de nobreza de uma ordem era mensurado mais pela sua antiguidade do que por seus próprios méritos ou feitos de outrora. Deste modo, para projetar a melhor imagem possível, os historiadores de várias ordens assumiram papéis de romancistas e biógrafos apaixonados em detrimento do realismo e da racionalidade científica para a construção historiográfica. Os genealogistas das ordens foram tão longe que, para tentar traçar histórias mais memoráveis, estabeleceram paralelos das origens de personagens e eventos com associações bíblicas espúrias ao Antigo Testamento. O início da história da ordem de São Lázaro é similarmente influenciado e qualquer exploração acadêmica deve tentar estabelecer uma separação entre a verdade e a ficção, embora seja limitada pela perda de documentação que pode ter ocorrido ao longo dos séculos.

A Ordem a serviço de Deus e dos leprosos

Para o historiador francês Alain Demurger, a historiografia utiliza em demasia a noção de Cruzada sem uma definição clara e objetiva, algumas vezes usando-a como sinônimo de guerra santa, duas noções que mesmo associadas, não exemplificam o mesmo sentido (DEMURGER, 2002:15-22). A guerra santa pode ser compreendida como a guerra justa por excelência, desenvolvida na Reconquista Ibérica contra os mouros a partir do século XI, uma obra meritória para o cristão, pois era empreendida aos inimigos da fé cristã e da Igreja, sendo seu maior legado as Cruzadas. Podemos dizer simplificadaamente, que as Cruzadas foram expedições militares desenvolvidas no seio do mundo cristão contra os inimigos da cristandade e da igreja na Península Ibérica e no Oriente Médio muçumano, na Europa Oriental contra os eslavos pagãos e no Ocidente contra todos os heréticos. A palavra apareceria já posteriormente à própria ação efetiva. Somente no século XIII, os textos medievais descrevem as ações militares como uma “peregrinação”, “guerra santa” e, por fim como uma “expedição da cruz”, desenvolvida por homens que levavam a cruz em suas vestimentas, tendo finalmente encontrado um nome definitivo. As Cruzadas devem ser compreendidas como a resignificação da guerra santa, aliada à renovação da espiritualidade cristã e ao ato da

peregrinação aos lugares sagrados do Cristianismo, já desenvolvida desde a Alta Idade Média (JUNIOR, 1981).

A primeira Cruzada, chamada também de cruzada popular, culminou com a captura da cidade de Jerusalém em 1099. Com o passar do tempo, a Terra Santa experimentou a fundação de ordens militares, que se comprometiam a defender as rotas e caminhos que levavam a Jerusalém e seus lugares sagrados. No entanto, diferente de outras ordens, de cunho militar e hospitalaria, a ordem de São Lázaro nascerá primeiramente mais como uma organização assistencial de socorro aos indivíduos atingidos pela lepra em Jerusalém do que propriamente como de uma agremiação bélica. É mais acertado dizer para São Lázaro que a assistência e o hospital pressupõem a própria institucionalização da ordem.

O sistema assistencial em Jerusalém colocava a ordem do Hospital de São João sob a responsabilidade de atender aos peregrinos e doentes feridos nas campanhas militares e destinava aos lazaristas a assistência a todos os atingidos pela lepra. A lepra era uma doença endêmica na Ásia e muitos cruzados contraíram-na, daí a necessidade de se estabelecer um hospital-leprosaria. Até então, os cristãos que contraíam a moléstia e que se encontrassem em Jerusalém eram assistidos por leigos piedosos do Hospital de São João Esmoler, onde eram separados dos outros pacientes em um espaço no termo da cidade². A criação da ordem de São Lázaro acompanhou a atribuição de um espaço exclusivo, de um estabelecimento separado fora dos muros, acantonado junto aos hospitalários, especialmente para o tratamento de leprosos.

Lepra ou mal de São Lázaro: a associação da doença ao santo

Na Idade Média, o processo associativo de um santo para a intercessão contra uma doença parece ter sido bastante difundido. Como nos fala Henri Estiene em sua obra *Apologia de Heredoto*: “alguns santos atribuem-se os ofícios segundos seus nomes, como quando se pensou que este ou aquele santo curaria a moléstia que tivesse nome ou

² É preciso salientar que o patronato de João Esmoler foi substituído pela proteção de São João Batista. Segundo Bruno Mosconi Ruy é provável que tenha existido uma ligação direta entre a construção de novos hospitais, a ruptura com os beneditinos e a mudança de padroeiro, pois São João Batista era seguramente mais prestigiado e conhecido entre os peregrinos ocidentais. A mudança de patrocínio também pode ser justificada pelo fato de que em algum momento a Ordem incorporou às suas fundações um antigo mosteiro grego das adjacências da Igreja de São João Batista. Não obstante, a Ordem manteve alguma ligação com São João Esmoler e, talvez a título de compensação, não alterou o patronato no Priorado de Constantinopla até 1259. Ver. RUY, B. “As Origens da Ordem Militar dos Hospitalários”. Congresso Internacional de História. 21-23 de Setembro de 2011. p. 2243-2252.

história semelhante ao dele” (ESTIENE apud BLOCH, 1993:191). A história e a etimologia parecem ter ajudado no processo associativo da lepra com a figura bíblica de Lázaro. A palavra Lázaro em hebraico significa “Deus é minha ajuda”, a origem histórica remonta ao Novo Testamento. Na Bíblia há o relato de dois Lázaros, o primeiro deles, que encontramos no Evangelho de Lucas, seria o mendigo, na parábola do rico e do mendigo, que por conta de “suas muitas feridas no corpo” é descrito pela literatura cristã como leproso (Lucas, 16: 19-31). O segundo Lázaro encontra-se no Evangelho de João. Este seria o irmão de Maria e Marta de Betânia, que fora ressuscitado por Jesus (João, 11:1-45). Segundo a tradição, não muito confiável, teria Lázaro vivido por mais 30 anos, sendo nomeado bispo da cidade de Cítio em Chipre pelo Apóstolo Paulo e lá ficou até a sua morte. Na Idade Média tornou-se o padroeiro dos leprosos pela associação errada feita com a história do seu homônimo.

A parábola, primeira referência a Lázaro, fora difundida no seio da cristandade, exortando ao dever de todo cristão à prática da assistência aos pobres. Na Idade Média, sobretudo a partir do século XI, há a crença de que o pobre está mais perto de Cristo e da salvação do que o rico. Por isso, constroem-se os ideais da virtude intercessora dos pobres, mediante à constituição de legados e fundações para a manutenção dos mesmos, em troca das orações que deveriam fazer e de missas que teriam de realizar pelas almas dos seus benfeitores. Como nos fala Maria Tavares, criara-se um diálogo ou uma permuta de dons, que exigia a sobrevivência do pobre, do justo, para a salvação eterna do rico. Esta era conseguida pela prática das obras de misericórdia, feitas com os bens deste mundo, por parte dos benfeitores, pelas orações dos míseros que delas se beneficiavam (TAVARES, 1989:65). Construía-se assim como Michel Mollat salientou a “economia da salvação” (MOLLAT, 1973:11-27).

Lepra e leprosaria

Ao discorrermos sobre as doenças que mais afligiram os homens na Idade Média, constantemente há em nossas falas a replicação de mitos e estereótipos. A imagem de repulsa, de estigma, de exclusão associados à lepra e aos leprosos ainda permeiam as construções historiográficas e também a literatura, principalmente quando retratamos as questões ligadas à saúde na Idade Média. A imagem do leproso como um ser marcado pelas chagas em seu corpo, destinado ao exílio social para além dos limites das terras habitadas, sendo-lhes recomendado um isolamento feroz como a única maneira de vencer ou conter a doença, contempla a grande produção literária medieval

acerca dessa categoria. Criou-se assim um mito, que ainda hoje permanece em nossas mentes, e que por hora devemos repensá-lo.

Por hora podemos salientar a luz da ciência moderna, que entre as doenças infecciosas que grassaram a humanidade, a lepra se encontra no grupo das menos infecciosas. A contração se dá mediante o contato direto com os doentes, e mesmo quando este contato é prolongando, é difícil contraí-la, não necessitando maiores cuidados especiais quando se trata de um contato casual. Na Idade Média e ainda hoje, as pessoas não tinham a compreensão dos processos sintomáticos e da maneira de se portar diante de tal moléstia.

A lepra também chamada de hanseníase, morfeia, mal de Hansen ou mal de São Lázaro, é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, ou bacilo de Hansen, em homenagem a seu descobridor o geneticista norueguês Gerard Hansen. Atualmente há tratamentos mais adequados graças aos seus feitos e ao desenvolvimento da medicina diagnóstica. Como salienta Alice Cruz, desde 1982 a OMS (Organização Mundial da Saúde) convencionou a classificação da lepra em três tipos. A resposta do sistema imunitário determina igualmente o tipo de lepra adquirida. Os três tipos: “lepra indeterminada”, manifestada normalmente em fases iniciais da doença, tendo muitas vezes cura espontânea; a segunda a “lepra paucibacilar”, forma “benigna” ou pouco contagiosa com baciloscopia negativa que ocorre em indivíduos com uma resistência elevada ao bacilo, pelo que o organismo tende a delimitar a ação do último, manifestando-se somente na pele e nos nervos periféricos, resultando dessa forma num número baixo de lesões e na afetação severa de um número diminuto de troncos nervosos. A terceira seria a “lepra multibacilar”, forma “maligna” ou contagiosa com baciloscopia positiva, que ocorre em indivíduos com baixa resistência imunológica, conduzindo a uma disseminação dos bacilos pela pele, nervos, nariz, boca, laringe, faringe, olhos, vísceras e outros órgãos internos, cujas manifestações incluem as lesões dermatológicas denominadas lepromas, aquelas que são a marca mais característica da imagem pública da lepra, tão presente na iconográfica medieval (CRUZ, 2008: 9-12).

Na Idade Média, os leprosos não eram isolados da sociedade, muito embora sofressem com estágios de marginalização. As leprosarias requeriam localizações específicas, devido ao estigma de medo e de repulsa associados à doença, também influenciadas por questões sanitárias e medidas profiláticas, tendo em vista o caráter endêmico da lepra. As leprosarias situavam-se de preferência ao redor dos limites

citadinos, próximas de uma estrada ou caminho para que os leprosos pudessem mendigar as esmolas dos transeuntes. Muitas leprosarias funcionavam como uma espécie de lar ou hospital de internação eterna sob o patrocínio de São Lázaro. Dispunham de regulamentos e estatutos que muito se assemelhavam aos regimes comportamentais e a alguns votos de conventos religiosos (DUARTE, 2010:170-196). Segundo Carole Rawcliffe, a concepção de convento pressupõe o entendimento de comunidade e, comunidade neste caso, consistia em indivíduos leprosos que viviam uma vida de abstinência e orações, que se reuniam para tomar decisões, que eram presididos por um mestre, que naturalmente deveria sair da comunidade de leprosos. Esse senso de comunidade chega até a hipótese sustentada por alguns historiadores de compreender os regimentos sociais restritivos para os leprosos como uma nova forma de vida religiosa estabelecida por eles mesmos no século XII (RAWCLIFFE, 2003:241-242).

François Olivier-Toauti enumera exemplos de leprosarias que parecem mosteiros e de irmãos leprosos usando hábitos, roupas, cruces e insígnias³ (TOAUTI, 1998:631-748). A roupa tem como papel principal indicar o lugar de um indivíduo no seio de um grupo e o lugar desse grupo no seio da sociedade. Naturalmente, isso era válido para a ordem de S. Lázaro. O hábito, o manto e sua insígnia tornaram-se elementos de reconhecimento e de pertencimento a uma ordem (DEMURGER, 2002:170-182). Segundo Touati, a chocante e traumática doença provinha um estímulo a mais para os seus hospedeiros, de forma que regessem suas vidas com um espírito mais celestial, em algum momento buscando uma separação voluntária do mundo em instituições como a ordem de São Lázaro. A leprosaria tornara-se um purgatório na terra, e a lepra era vista, desse modo, mais como um privilégio ou uma marca seletiva do que como uma maldição. As angústias da enfermidade sentidas pelos leprosos foram comparadas com as atribuições bíblicas vividas pelo personagem Jó, pois o mesmo se mantivera fiel a Deus, mesmo passando pelas maiores provações de vida, não perdendo sua fé. Neste

³ Tiago de Vitry (1160/70?-1240), bispo de Acre, no seu trabalho intitulado *Historia orientalis*, influenciado pelos trabalhos de Guilherme de Tiro, descreveu que pouco depois da tomada de Jerusalém por Godofredo de Bouillon, teria Gerardo com alguns homens honestos e religiosos fixado uma cruz branca no lado exterior de seus mantos na altura do coração. Já para Alain Demurger, a adoção da cruz nas vestimentas dos hospitalários fora mais tardio, no momento da militarização da ordem do Hospital, pois segundo a regra de Raimundo du Puy: “*todos os irmãos de todas as obediências...deverão portar na frente de seu peito a cruz sobre suas batinas e sobre seus mantos em honra de Deus e da santa Cruz...*” (DEMURGER, 2002:172). Ao que parece, a ordem de São Lázaro adotara o manto de cor branca, semelhante à ordem do Hospital de São João; a cruz grega simples ou pateada, semelhante à ordem do Templo e a insígnia da cor verde distinta de todas as ordens da Terra Santa. Veja: VELDE, Francois. “Revived Orders of Chivalry:” *The Case of the Order of St. Lazarus*.

sentido, os leprosos encontraram-se no mundo definido por tormentas e por um estado de graça.

Caroline Rawcliffe chega a concluir que, para muitos, o leproso significava não apenas o eleito por Deus, mas também que ele pertencia a Deus, ou pelo menos ele era a representação terrena de sua presença, ou até mesmo a Sua manifestação no corpo do leproso (RAWCLIFFE, 2003:243-245). Para D. Marcombe, essa noção propõe uma radical reavaliação de como a leprosaria era vista na Idade Média e das implicações no que diz respeito à fundação ideológica do hospital-leprosaria de Jerusalém (MARCOMBE, 2003:5-7). Nos estudos sobre as leprosarias francesas, F. Touati estabelece uma conexão entre o contexto ideológico das leprosarias da França medieval com a de Jerusalém, entendendo a cidade santa como o centro do mundo fortemente carregado de preceito bíblico, assim como o cenário perfeito para um modo de vida que reunia lepra e assistência como ofício divino (TOAUTI, 1998).

Os primórdios de São Lázaro em Jerusalém

Obscura e contraversa, assim podemos falar sobre a origem da ordem. O hospital-leprosaria sob a administração dos lazarisitas, a partir do século XII, já funcionava antes do próprio estabelecimento da ordem em Jerusalém. As primeiras informações apontam que o hospital teria sido erguido pela Imperatriz de Eudoxia, mulher de Arcádio I (383-408), no entanto, há uma parte da historiografia que contesta tal afirmação, salientando que este hospital em particular não pode ser associado ao que ficou sob a administração da ordem no século XII, pois existe um vácuo intransponível nas fontes sobre o mesmo entre os séculos IV e XI (KOHOUT, 2005; SAVONA, 2005:67-70). Outros afirmam que fora São Basílio Magno também chamado de Basílio “o Grande”, bispo de Cesaréia na Capadócia, que fundou o hospital no século IV⁴. Uma terceira linha de investigação associa a fundação ao nome de Judas Macabeu⁵.

⁴ São Basílio (?-379) o principal referencial do monasticismo do Oriente cristão. São Basílio organizou a vida dos ascetas, adaptando-se ao mundo grego, conjugou elementos da vida austera dos mosteiros com as obras assistenciais aos pobres, doentes e peregrinos na Terra Santa.

⁵ É constante na literatura cruzada a referência aos macabeus. Os cavaleiros das diversas ordens na Terra Santa identificavam-se totalmente com essa família de guerreiros presente nas passagens bíblicas do Antigo Testamento, o Pai Matatias, e os seus filhos, em destaque para Judas Macabeu. Judas fora líder de uma revolta judaica contra Antioco IV Epífano, sendo seus feitos e sacrifícios assimilados pelos primeiros mártires cristãos. Alain Demurger salienta que existiam no tema dos macabeus dois aspectos básicos estritamente ligados ao ideal cruzado. O primeiro à questão do soldado pronto para sofrer o martírio, para servir a Deus em prol da libertação de sua cidade sagrada; o segundo aspecto referia-se ao fato de que para se obter a vitória era preciso a entrega total a Deus, e não contar apenas com a força e a astúcia do cavaleiro no campo de batalha. Segundo a parábola, um pequeno exército confiante em Deus poderia

O hospital-leprosaria durante a Alta Idade Média ficou sob a proteção dos bispos gregos em Jerusalém entre 638 até 1054. No século IX encontraram condições mais favoráveis, graças à proteção de Carlos Magno aos lugares santos, que se tornou o protetor natural dos cristãos orientais e do Santo Sepulcro, deixando ao clero grego o cuidado e a assistência dos doentes e peregrinos na Terra Santa durante a dominação mulçumana. Posteriormente foi transferido para a proteção dos patriarcas latinos, ficando sob a responsabilidade os monges beneditinos. Na época da Primeira Cruzada, constituía com mais dois hospitais, o de Santa Maria Latina e São João Esmoler, o chamado Hospital Real de Jerusalém. Os monges beneditinos que ficaram responsáveis pela assistência no Hospital Real de Jerusalém confiaram a administração do hospital a um leigo piedoso, conhecido como Gerardo Hospitaleiro ou Gerardo o “Santíssimo”. Ao lado de Gerardo serviam também leigos que levavam uma vida religiosa sem serem monges tendo o *status* de confrades. Ao que parece, Gerardo permanece em seu posto na administração do complexo assistencial em Jerusalém na época da Primeira Cruzada.

A documentação para o início do século XII da ordem de São Lázaro é limitada entre 31 cartas de doações e alguns mapas de crônicas de peregrinos que visitaram Jerusalém no período datado. Em uma dessas cartas existe um mapa topográfico descritivo feito por um geógrafo anônimo datado entre 1128-1137 (SAVONA, 2005:27). Na descrição do mapa há a menção de uma casa habitada por leprosos, além das muralhas da cidade, entre a Torre de Tancredo e o Portão de São Estevão, nos limites extramuros da cidade de Jerusalém, sugerindo ainda uma construção de estilo claustro (MARSY, 1883:123 apud SAVONA, 2006:44). Outro livro de viagem que faz menção a leprosaria foi escrito pelo monge alemão Teodorico entre 1169-1174, salientando que quem seguisse o percurso pela cidade começando pela Torre de Davi encontraria no ângulo ocidental da urbe a igreja e as habitações dos leprosos (MARSY, 1883:123 apud SAVONA, 2006:45). A leprosaria fora das muralhas de Jerusalém, durante o período da primeira Cruzada, estava sob a proteção e direção de Gerardo o “Santíssimo”, considerado o fundador da ordem, a quem também se atribuiu a fundação da ordem hospitalaria de São João, enquanto a repartição feminina recaiu sob a proteção de uma mulher descrita apenas pelo nome de Agnes.

derrotar grandes exércitos mediante a astúcia e a confiança divina. Sendo assim, Judas Macabeu tornou-se o modelo de cruzado e da nova cavalaria das Ordens militares, elementos mais bem conceituados por São Bernardo de Claraval em seu *De laude novae militiae (Elogio da nova cavalaria)*.

As primeiras duas décadas de dominação em Jerusalém significaram uma reorganização na gestão e regras das ordens que ocupavam a cidade, nomeadamente, as ordens do Templo, Hospital, do Santo Sepulcro, dos Teutônicos e de São Lázaro, ajudando a definir e delimitar os propósitos de cada ordem. Sendo assim, a institucionalização da ordem de São Lázaro seria feita pelo Papa Pascoal II, mediante a bula *Piae voluntatis postulatio* promulgada em 15 de fevereiro de 1113, em que os frades hospitalários liderados por Geraldo o “Santíssimo” foram tomados sob a proteção do papa, confirmando aquisições de propriedades e doações à ordem, efetuadas pelos reis do Ocidente cristão⁶ (SIBERT, 1772: doc. 2). A historiografia sustenta que esta bula continha também a ata de fundação da ordem de S. Lázaro definida pelo Papa em 1115, estabelecendo a forma de sucessão de liderança entre os frades hospitalários, salientando que:

And at your death, who art now the overseer (provisor) and Provost (prepositus) of that place, no one shall be appointed there by subtlety or intrigue or violence, but only he whom the professed brethren there shall provide and elect in accordance with God's will. (SAVONA, 2006:5)

O papa Calisto II confirmou os privilégios e posses da ordem mediante a bula *Ad hoc nos* de 19 de junho de 1119. Segundo James J. Algrant, Godofredo de Bouillon, que governou o reino cruzado de Jerusalém, frequentemente visitava o hospital e, impressionado com a dedicação de Gerardo e seus companheiros para os doentes, forneceu-lhes fundos e instalações. Mais tarde, diz-se que àqueles legou algumas das propriedades que ele possuía em Brabant. Ao que parece, as ordens de São João e São Lázaro⁷ foram de fato unidas em seus primeiros anos, somente assumindo identidades separadas em 1120 (ALGRANT, 1984:2-3), com a morte de Gerardo o “Santíssimo”. Esse foi sucedido por Boyand Roger, reitor do Hospital de Jerusalém, eleito mestre dos hospitalares de São Lázaro, no entanto, Roger morrerá em 1131, sendo substituído por Raymond du Puy⁸.

⁶ Exemplo: Cartas de doações feitas por Henrique I, rei de Inglaterra [1100] e Duque da Normandia [1106] elaborada em favor dos leprosos de São Lázaro de Jerusalém.

⁷ Os principais cronistas que nos ajudam a remontar a história das Ordens religioso-militares são três: 1) Guilherme, o arcebispo de Tiro, chanceler do reino de Jerusalém, historiador (1130-1186); 2) Tiago de Vitry (1160/70?-1240), bispo de Acre no seu trabalho intitulado *Historia orientalis*, influenciado pelo escritos de Guilherme de Tiro; 3) Ernoul, cujo texto está agregado à crônica de Bernardo Tesoureiro, redigida no primeiro quartel do século XIII. Todos os cronistas não fizeram distinção entre as Ordens de São Lázaro e de São João, denominando-as conjuntamente de Hospitalários.

⁸ A ordem cronológica sucessória a Raimund du Puy como mestre de S. Lázaro em Jerusalém até a queda do reino em 1187, segundo o cartulário da Ordem, segue com os nomes de: Bartolomeu[1153], Itier [1154]; Hugo Saint-Pol [1155]; Lambert [1164], Geraldo de Montclar [1169], Bernardo [1185-1186].

Raymond du Puy fora um cavaleiro que obteve grande prestígio militar na ordem do Templo, formalizando as regras da ordem e o estatuto em 1150. Em 1131, assumiu a dupla função de mestre na ordem do Templo e de São Lázaro, fato evidenciado pela carta do Papa Inocêncio II em 20 de fevereiro de 1131. A administração da ordem por Raymond du Puy teve como consequência uma aproximação maior do modelo organizacional da ordem de São Lázaro a ordem do Templo, afastando-se do modelo gerido pela ordem Hospitalaria de S. João.

Ao longo do século XII, a ordem de São Lázaro ganharia espaço e aumentaria suas teias de influência na cidade de Jerusalém, principalmente durante o período de 1130-1145. Prova maior foram às doações perpetradas pelos nobres a ordem. Um monge armênio concedeu uma cisterna à casa dos leprosos de S. Lázaro, em troca de que esta o aceitasse na ordem, tornando-se um dependente da casa, recebendo mantimentos e roupas para o resto de sua vida. Também em 1142, o rei Fulque de Anjou doou terras em Jerusalém para a igreja de São Lázaro e para o convento dos doentes que são chamados pela literatura judaico-cristã de “*misêli*” (MARSY, 1883:123 apud SAVONA, 2006:45). Outra propriedade fora doada em esmola pelo rei Balduíno II de Cesárea, localizada entre o Monte das Oliveiras e a cisterna, na estrada que levava até o rio Jordão. Posteriormente, também as dotações feitas à ordem seriam confirmadas por Balduíno III assim como outras feitas por seus pais. A casa real de Jerusalém continuou a mostrar compaixão para com o hospital e os leprosos, dotando a ordem de inúmeras propriedades. Os rendimentos da ordem cresceram substancialmente devido ao grande número de propriedades em sua posse, assegurando a estabilidade financeira até a derrocada do reino de Jerusalém em 1187.

Militarização da Ordem de São Lázaro

Na historiografia das ordens militares existe um grande debate acadêmico sobre os motivos que levaram a militarização das ordens hospitalarias (GARCÍA-GUIJARROS RAMOS, 1998:293-302). A ordem de São Lázaro não fugira à regra, uma corrente de historiadores afirma que não só houve a militarização, mas que o modelo militar perpetrado na ordem dos lazaristas fora o mesmo que o do Templo; outros historiadores tendem a relativizar essa militarização, entendendo-a que o processo de desestruturação organizacional do reino de Jerusalém determinou a conclamação às armas a todos os cristãos envolvidos nas campanhas das Cruzadas.

Para nós, ao que parece as duas hipóteses não se contrapõem, mas refletem, sim, mais uma junção de ideias que aparecem como as mais prováveis para a militarização da ordem de São Lázaro. A primeira hipótese sugere que a contração da lepra por diversos cavaleiros de outras ordens militares presentes em Jerusalém determinou a militarização da ordem de São Lázaro, tendo em vista que, ao adotar a ordem de São Lázaro como lugar de refúgio os cavaleiros não se isentavam dos votos perpétuos que haviam professado nas suas respectivas ordens, cujos propósitos incidiam na defesa da Terra Santa e de seus lugares sagrados (MARCOMBE, 2003). Já a segunda hipótese, um pouco mais comedida, acredita que a presença de um grande número de cavaleiros templários leprosos, aliado às derrotas sofridas “contras os infiéis mulçumanos”, ocasionou a natural militarização da ordem como ação de autodefesa e sobrevivência (DEMURGER, 2002).

As razões para a mudança nas alianças de São Lázaro e seu processo de militarização podem estar associadas aos diferentes regulamentos de cada ordem sobre o tratamento dos seus membros atingidos pela lepra. Os cavaleiros templários requeriam que todo cavaleiro que contraísse a lepra deveria deixar a comunidade e de preferência se juntar à ordem de São Lázaro, porém, para a ordem do Templo isso não significava uma obrigação, como levam a crer dois artigos tardios datados de 1260 dos retrais⁹ do Templo, que aconselhavam, sem imposição, aos irmãos leprosos irem para São Lázaro:

Quando acontece de um irmão de, pela vontade de Nosso Senhor, tornar-se leproso e a coisa ficar provada, os vogais da casa devem preveni-los e rogar-lhe para que peça licença da casa e dirija-se a São Lázaro para ali vestir o hábito dos irmãos de São Lázaro. (SHADAR apud DEMURGER, 2002:37).

Caso o doente não aceitasse por iniciativa própria deixar a ordem do Templo era permitida sua presença, no entanto, viveria separado dos outros irmãos. Já a ordem de São João não definia uma regra similar, a não ser no caso em que o cavaleiro contraísse a lepra. Neste momento, ele deveria deixar a comunidade, embora continuasse a ser assistido pela ordem. Segundo Charles Savona Ventura, o código legal do reino de

⁹ Retrais: uma espécie de cláusula ou artigo acrescentado à regra do Templo. Utilizamos o termo *regra* para entender exclusivamente o texto que fixava os compromissos religiosos, os usos conventuais e os deveres do novo irmão no instante em que fazia sua profissão na ordem. Em seguida, outros textos foram acrescentados, como os retrais, os estatutos e leis de caráter consuetudinário, nas regras de todas as ordens.

Jerusalém determinava que qualquer cavaleiro leproso deveria se juntar à ordem de S. Lázaro.

A primeira referência escrita que temos de São Lázaro como uma ordem militar é uma carta escrita pelo rei Henrique II da Inglaterra em 1159, em que ele faz uma grande doação para a ordem referindo-se aos "Cavaleiros e Irmãos de São Lázaro":

HENRY, par la grace de Dieu, roy d'Engleterre, duc de Normandie & de Quictaine, conte d'Angers: A tous Archeveques & Eveques, Abbés, Contes, Barons, Justiciers, Vicontes, & à tous Meinstres desseaults de toute ma terre. Je confesse que je confirme, par ceste présente chartre, és Chevaliers de Saint-Ladre de Jherusalem, & à leurs hommes & serviteurs, tous dons qui ont été faiz de terres & demeures, & de toutes autres choses; pour ce, je veul & fermement commande, que iceulx ayent & tiengnent tous les dons, biens, & empes & francs ... & quictes fermes, & pessibles en églifss, en terres, en redissiment, en bois, en plain prez& pastures, eaulx & moulins, vignes & pescheries, estangs & marignes, & en tous lieux, & en toutes autres choses de toutes nos appartenances & libertés, & de toutes suyvencions; & pour connoissance qu'ils font establis, j'ai mis mon scel & mon signe, l'an mil cent cinquante-neuf, le lundi jour de Saint Clément: présens Guillaume, Eveque; Richard Dulon, Richard, conte de Claire, & Regnault. (MARSY, 1883:135 apud SAVONA, 2006:43).

Segundo Alain Demurger (2003:37), o único ato no século XII que poderia estar ligado a uma ação militar ainda sim não é conclusivo. Em 1164, o rei Amauri I concedeu à igreja de São Lázaro um escravo não cavaleiro a ser tomado entre os prisioneiros de cada expedição ou campanha militar sob sua liderança, separando para ele o percentual de 10 escravos para cada um que seria enviado a ordem de São Lázaro:

In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti, amen. Notum sis omnibus tam futuris quam presentibus quod ego, Amalricus, per gratiam Dei in sancta civitate Jerusalem Latinorum rex quintus, pro salute domini ac fratris mei incliti Jerosolimorum regis Balduini et pro mea ac meorum omnium tam vivorum quam defunctorum, ecclesie Sancti Lazari leprosorum que claustro civitatis Jerusalem contigua est, a modo et usque in sempiternum, dono et concedo, de omni expeditione sive equitatu in quo ego ipse iero vel vexillum meum abaque me, unde x esclavi aut eo amplius portioni mee contingant, unum esclavum quem voluero, tantum miles non ait, et ut hoc donum et concessio ecclesie prefate Sancti Lazari firmiter et sine omni fraude in perpetuum teneatur, presenti pagina aubscriptis testibus sigillique mei suppressione denotata confirmo. Hujus quidem rei testes sunt dominus Radulfus, noster cancellarius, et episcopus Bethlemita; Fredericus, Tyrensis archiepiscopus; Ulfredus, noster constabularius; Philippus de Neapoli; Baldwinus de Insula; Rogerius de Monbrai; Hugo de Cesarea; Odo de Sancto Amando; Robertus de Monteforti, Willelmus, marescallus; Girardus de Pogi; Petrus de Cresech; Otto de Rimbec.

Factum est autem hoc anno ab incarnatione Domini M * C * LX * III, indictione XII. Datum Jerosolimi, per manum Stephani, domini Radulfi, Bethlemite epiacopi Regis que cancellarii, in hoc officio vice fungentis, viii kalendas maii (MARSY,1883:140 apud SAVONA, 2006:49).

O ingresso, a composição e as atribuições canônico-jurídicas da Ordem de São Lázaro

Para adentrar a ordem militar era preciso pronunciar os votos, assim como se comprometer a respeitar uma determinada regra. Para o início do século XII no Ocidente, a regra de São Bento dirigia-se aos monges que viviam retirados no âmbito do mosteiro, diferentemente da regra de São Agostinho que convinha melhor àqueles, cujas funções na Igreja obrigavam a conviver com o mundo secular. Deste modo, a regra de São Agostinho podia parecer mais apropriada às atividades empreendidas na Terra Santa durante as Cruzadas, as quais se desenvolviam sob o patrocínio dos cônegos do Santo Sepulcro. No entanto, o fator importante e às vezes paradoxal era a exceção dos irmãos capelães que eram clérigos, pois em sua grande medida as ordens militares eram compostas por leigos. As ordens militares eram ordens religiosas, cujas missões específicas se confluíam em atividades militares e caritativas, que impunham um regulamento particular (DEMURGER, 2002:71-79).

A composição das ordens religioso-militares era majoritariamente de leigos autorizados a combater. No entanto, havia também leigos associados que de diversas formas e maneiras participavam da vida cotidiana das ordens sem dela serem membros. A presença de leigos era indispensável para os propósitos espirituais e, por sua vez, dividia-se em duas ou três categorias segundo dois critérios, um social e o outro profissional. Separavam-se os irmãos cavaleiros dos irmãos sargentos ou serventes, critérios definidos pela investidura cavaleiresca. Segundo os estatutos de Hugo Revel de 1262 proibia-se que um irmão fosse cavaleiro, salvo sendo filho de cavaleiro ou de família cavaleiresca, com exceção somente dos Cavaleiros Teutônicos (DEMURGER, 2002:84-97).

Apesar de todas as regras e estatutos vigentes para a organização administrativa das ordens, tais documentações não representavam totalmente o enquadramento jurídico auferido às organizações da Terra Santa. Todas as ordens estavam submetidas à proteção papal e beneficiavam-se da liberdade, sem a submissão ao episcopado local,

tratando suas pendências diretamente com o bispo de Roma. Disso decorreram inúmeras ações ou isenções perpetradas pelo papado por todo o século XII e XIII.

A política de fortalecimento do papado em Roma serviu-se das ordens como um meio de propagação de suas ações reformadoras e de controle da sociedade. As bulas tinham a função de submeter apenas ao bispo de Roma o controle administrativo, passando por cima do escalão do episcopado local, ao qual todo o clérigo deveria ser submetido. A ordem de São Lázaro fora contemplada com cinco bulas associadas à ordem do Hospital, desde a bula *Pie postulatio volutantis de* 1113 até a versão definitiva da *Christiane fidei religio* de 1154. A última bula concedeu às ordens militares o direito de ter padres (os capelães), igrejas e cemitérios, e através de tais medidas o papado tornava-as organizações autônomas em relação às estruturas regulares eclesíásticas. As determinações da bula papal seriam ratificadas, principalmente para a ordem de São Lázaro, no Terceiro Concílio de Latrão de 1179, no qual foram concedidos a todas as instituições de assistência aos leprosos alguns privilégios, como o direito a ter igrejas, cemitérios e capelães, sem com isso atentar contra os prelados das paróquias locais. No entanto, o progresso das iniciativas acaba influenciando um estilo de vida muito próximo da vida religiosa, chegando-se a exigir os votos de pobreza, castidade e, obediência, além da adoção de termos como congregação e convento (MARQUES, 1989:11-93).

Segundo os historiadores da ordem, os irmãos de São Lázaro eram compostos de uma natureza dupla incluindo os monges que auxiliavam em cuidados e os indivíduos leprosos. Um selo do convento de Jerusalém do século XII reflete a natureza dual do convento, mostrando um sacerdote segurando um bastão episcopal e a inscrição “*S. Lazarus de Jerusalem*” de um lado e, no outro, um leproso representado com sua matraca e a inscrição “*sigillum D leprosorum*” (MARCOMBE, 2003:182). Desde 1129, os irmãos estabeleceram leigos associados que não eram membros da ordem e, conseqüentemente, não estavam sob a regra monástica. A ordem aparentemente adotara desde a Primeira Cruzada a regra de São Agostinho, contudo esta só apareceria nas fontes em 1247, como é evidenciado pelas bulas promulgadas pelo papa Inocêncio IV. Pode-se aventar a hipótese, que antes da Primeira Cruzada a leprosaria estava sob a tutela de São Basílio, bispo de Cesaréia na Capadócia, tendo assim adotado a sua regra até a chegada dos cruzados.

Um ato datado de 1129 menciona um detentor de feudo em Betânia que era um confrade de São Lázaro e cuja filha iria se casar com um cavaleiro de prestígio da

ordem do Santo Sepulcro (SAVONA, 2006:8). A escritura de doação datada de 1185 descreveu o doador Raymond de Tripoli como um confrade da ordem (MARSY, 1883:147-148 apud SAVONA, 2006:8). Em 1142 em uma carta de doação há menção também a presença de leprosos e sãos na leprosaria, bem como aparece na escritura de doação de Humphrey IV de Toron datada de 1183, referindo-se “a Deus todos servimos nesta casa, tanto doente e saudável”, o que sugere uma associação dual (MARSY, 1883:146-147 apud SAVONA, 2006:8). Uma terceira classe de irmãos também é mencionada com a presença de sacerdotes, tendo em vista um documento datado de 1148 que menciona Frederico, capelão da Igreja de São Lázaro, como uma das testemunhas:

Fulcherius, Dei gratia, sancte Cristi Dei Resurrectionis ecclesie patriarcha. Omnibus sancte matris ecclesie filiis tam presentis qual futuris in perpetuum. Universitati vestre notum esse volumus, Anfredo de Torono leprosis, qui in domo Beati Lazari Jerosolimis jacent, decem quintardos recemorum et * x. bisancios, in vindemiarum tempore, sub nostri et eorum qui subscripti sunt presentia, in terra Sancti Abrahe per singulos annos recipiendos, concessisse; quos quidem racemos cum bisanciis non solum ad eodem Anfredo vero et ab ipsius recipere debebunt heredibus. His interfuerent et testes existunt: Rogerius, domini patriarche capellanus; Fredericus, ecclesie Sancte Lazari capellanus; Fulco, miles Sancti Abrahe; Frogerius, miles Sante Abrahe; Brictius, borgensis Jerusalem; Seardus, surianus Sancte Abrahe; Gillebertus, miles et frater hospitalis, et quamplures alii. Uxor etiam ipsius Anfredi et filius donum istud laudaverent et confirmaverunt, in presentia Guidonis, Scandaleonis domini, qui et ipse hujus rei testis extitit. Facta est autem presens inscriptio precibus domini Anfredi. Datum Jerosolimis, per manum Ernesii cancellarii, anno Domini M C XL VIII, indictione X (MARSY, 1883:127 apud SAVONA, 2006:38).

Derrocada do Reino de Jerusalém e a transferência da Ordem para Acre

A queda de Jerusalém diante de Saladino¹⁰ ocorre no dia 2 de outubro de 1187, já que, depois de um cerco de 12 dias, a cidade se rendeu. O convento e a leprosaria de S. Lázaro conseguiram suportar o primeiro impacto da investida, no entanto tiveram que ser abandonados bem antes da queda da cidade. Os leprosos foram isolados em um dos campos abertos na periferia da cidade intramuros. Segundo a historiografia, esse local pode ter sido o precursor da eventual leprosaria presente durante o período de dominação turca em Jerusalém, perto da muralha do sul para o leste do portão de Santo

¹⁰ Saladino (1138-1193) fora um exímio chefe militar curdo muçulmano, que se tornou sultão do Egito e da Síria, e liderou a oposição islâmica aos cruzados, responsável pela vitória na Batalha de Hattin e a retomada do controle do Reino de Jerusalém para os muçulmanos em 1187.

Estevão. Após a queda de Jerusalém, Saladino ordena aos seus servos para abrirem o portão de São Lázaro, determinando a saída de todos da cidade. A queda de Jerusalém significou para a ordem dos lazarisitas a perda em suas participações patrimoniais e de rendimentos em torno da urbe, todavia, a derrocada do reino de Jerusalém diante dos mulçumanos não significou o fechamento da leprosaria, que ainda continuou com suas atividades até 1578¹¹ (SIBERT, 1772: doc. 5; SAVONA, 2006:64)

A administração da ordem de São Lázaro transfere-se para Acre no ano de 1191. A queda de Jerusalém em 1187 causou grande comoção no Ocidente medieval e fora mais um estímulo para a Terceira Cruzada a Jerusalém, inicialmente comandada por Frederico Barbarossa, imperador do Sacro Império e, posteriormente, por Filipe Augusto, rei da França e Ricardo “Coração de Leão” rei da Inglaterra. Em junho de 1191, o exército cruzado juntou-se ao cerco da cidade de Acre iniciado por Guy de Lusignan em 1189, sendo conquistada no dia 12 de junho. A ordem de São Lázaro possuía muitas terras na cidade de Acre, adquiridas mediante doações feitas por Warter Brisebarre, confirmadas em 1226 pelo mestre da ordem de S. Lázaro (MARSY, 1883:150 apud SAVONA, 2006:74), assim como por Humphrey, através de duas cartas datadas de 1183 destinadas para Rainanurd de Fleury, mestre de S. Lázaro na cidade de Acre, e confirmadas por William de Chateauneuf em 1226 (MARSY, 1883:150-151 apud SAVONA, 2006:77).

A ordem constrói então seu novo convento e hospital - elaborado no plano da cidade - descrito por Mateus Paris em sua *Cronica Majora* (PARIS, 1854). O convento é retratado como uma estrutura defensiva convencional para o mar, com a presença de torres com ameias. A defesa militar no convento na cidade de Acre reflete a situação política do período e também o papel militar recém-assumido pelos irmãos. Os lazarisitas tinham incluído cavaleiros e sargentos atingidos pela lepra entre os seus irmãos, no entanto eles deveriam estar aptos para portar armas. A maioria já possuía alguma experiência provinda das participações em campanhas militares, quer como uma unidade sob a bandeira da ordem, quer em associações com outras ordens.

Segundo D. Marcombe, a idéia de cavaleiros leprosos pode parecer bizarra, mas era bastante lógica nas circunstâncias das necessidades militares e espirituais do Reino

¹¹ Podemos confirmar a continuidade das atividades da leprosaria da Ordem de São Lázaro, pois consta da documentação do cartulário um documento de doação feito por Ricardo I, Rei da Inglaterra, confirmando a doação de 40 marcas de prata feita por seu pai, o rei Henrique II em favor dos leprosos de São Lázaro de Jerusalém datado de 1189. Veja: (SIBERT apud SAVONA, 2006:71). Não sabemos em que circunstâncias ocorria a assistência aos leprosos, mas segundo James Algrant, Saladino se mostrou bastante benevolente com a leprosaria da cidade, assistindo-a de igual maneira.

Latino. O hospital de S. Lázaro tinha sido um refúgio para os homens do estamento dos cavaleiros afligidos pela lepra, particularmente os templários que juraram lutar pela fé (MARCOMBE, 2003:9).

Segundo Bernard Hamilton, dada a crônica escassez de mão de obra na Terra Santa fazia todo o sentido explorar as habilidades de guerreiros treinados, independentemente da sua condição física, especialmente nas circunstâncias cada vez mais difíceis do século XIII. Em um contexto religioso mais amplo, estes homens trouxeram a ideologia do claustro, imbuídos da crença de que eles eram os eleitos de Deus para a batalha (HAMILTON, 2000:256). Tal postura também pode se atribuir ao fato de que a lepra possui um período de gestação lenta, entre 6 meses até 6 anos, podendo ser diagnosticada bem antes de causar uma debilidade mais séria. Exemplo melhor fora o caso do rei de Jerusalém Balduíno IV (1174-1185), que, apesar de ser leproso, conseguiu ser um líder astuto e corajoso e um excelente cavaleiro, fundamental na derrota de Saladino em Mont Gisard em 1177 (HAMILTON, 2000).

A natureza incomum da ordem de São Lázaro, aliada a sua singularidade nunca tivera precedentes, pois é preciso ter em vista que a ordem de São Lázaro se constituiu de cavaleiros leprosos, que continuaram a desempenhar a sua função básica de combate. Tem-se uma ordem, na qual os irmãos atingidos pela lepra viviam ao lado de irmãos saudáveis, gozando de boa saúde sob a autoridade de um mestre que também, por sua vez, era leproso. Algo similar nunca outrora ocorrerá no Ocidente e Oriente medieval dos séculos XII e XIII. Deste modo, o valente cavaleiro leproso moldava-se como a última linha de defesa para os cristãos do Oriente. Os ditos "mortos vivos" (SOURNIA, Jean-Charles e RUFFIÉ, Jacques, 1986:134-135) mobilizavam-se em uma tentativa desesperada para afastar os avanços dos "infiéis mulçumanos".

Como nos fala Andre Vauchez, com as Cruzadas o Cristianismo finalmente colocava em questão, pela primeira vez, a primazia absoluta da contemplação da ação. As Cruzadas foram o processo evolutivo de busca pelos leigos de caminhos espirituais e ascéticos novos, porque até aquele momento viviam à maneira dos monges e em sua esteira (VAUCHEZ, 1995:45; VAUCHEZ apud DEMURGER, 2002:158). A espiritualidade do leigo cruzado projeta uma renovação da noção de espiritualidade cristã inspiradora de uma mentalidade moldada por noções de cavalaria e da relação especial entre Deus e o seus escolhidos, neste caso os leprosos.

O fracasso militar dos Lazaristas

A participação da ordem de São Lázaro nas diversas campanhas militares foi ainda documentada pelos cronistas da época. Um contingente da ordem lutou nas batalhas de Gaza ou “La Forbie” em outubro de 1244, onde sofrera pesadas perdas, como relata Mateus Paris (PARIS, 1854:327-328). Os cavaleiros de São Lázaro também participaram ativamente das iniciativas Cruzadas, sobretudo nas Sétima Cruzada no Egito (1248-1250), liderada pelo rei da França Luis IX. A cruzada egípcia significou uma desastrosa derrota das tropas cristãs em Mansura no ano de 1250. Segundo Mateus Paris¹², o rei Luis IX da França foi feito prisioneiro, juntamente com muitos nobres e cavaleiros de todas as ordens como a do Templo, Teutônica e a de São Lázaro. Após sua libertação, o rei Luis IX retornara ao campo de batalha montando uma campanha na Síria entre os anos de 1250-1254 e sendo acompanhado por um destacamento da ordem de S. Lázaro. Em suas memórias, o senescal de Champagne Jean de Joinville, conselheiro e íntimo confidente do rei Luis IX, participando de muitas de suas decisões, registrou que:

While the king was before Jaffa, the master of St Lazarus had spied out near Ramleh, a town some three good leagues away, a number of cattle and various other things from which he thought to collect some valuable booty. So being a man of no standing in the army, and who therefore did exactly as he pleased, he went off to that place without saying a word to the king. But after he had collected his spoils the Saracens attacked him, and so thoroughly defeated him that of all the men he had in his company no more than four escaped. (JOINVILLE, 2005:267-268)

Para tentar salvar a difícil situação do mestre de S. Lázaro, uma tropa de templários e hospitalários foi obrigada ir a seu resgate sob o comando de Joinville. O comentário sobre o mestre de S. Lázaro proferido por Joinville de “ser um homem sem posição no exército, que era capaz de agir como quisesse” (JOINVILLE:277-279) é relevante e sugere que a ordem pode ter funcionado como um grupo de cavaleiros voluntários, ao invés de serem efetivamente cavaleiros regulares nas campanhas cruzadinas. Talvez os cavaleiros leprosos tradicionalmente empreendessem o papel de unidades de logística nos campos de batalha visando o abastecimento de alimentos, o

¹² O cronista Mateus Paris era um monge beneditino de Santo Albano na Inglaterra. Encontrava-se no meio de uma rede de informantes, a qual obtinha inúmeras cópias de cartas provindas das Ordens na Terra Santa enviadas para o Ocidente - que ele copiava e reproduzia em obras históricas. Da mesma forma, muitas cartas chegavam ao serviço da Cúria Pontifícia e eram por ela divulgadas.

que os teria afastado do corpo principal das tropas e ajudado a minimizar a propagação da moléstia.

Os mestres da ordem de S. Lázaro parecem ter sido efetivamente indivíduos leprosos, já que o trágico evento militar descrito por J. Joinville corrobora as medidas adotadas pelos lazarisitas após a batalha, como, por exemplo, quando em 1253 a pedido dos irmãos lazarisitas, logo após o fiasco em Ramala, Inocência IV (1243-1254) alterou as regras da ordem, dando-lhes o direito de eleger como mestre “qualquer cavaleiro saudável entre os outros da casa” (INOCÊNCIA IV apud MARCOMBE, 2003:251). Sustenta Charles Savona-Ventura que o mestre eleito pode ter sido Miles, mencionado em 1256 e posteriormente, Thomas de Sainville mencionado em 1277-1312 (SAVONA, 2005).

Segundo David Marcombe, este foi um importante ponto de transformação, ilustrando um claro movimento que se afasta dos princípios fundadores da ordem. Outro exemplo encontra-se no momento do apelo feito à ordem por Gregório IX em 1234 para que esta saldasse suas dívidas com o papado (GREGÓRIO IX apud DEMURGER, 2002:37-38). Em 1255, o papa Alexandre IV falou “de um convento de nobres, de cavaleiros e os outros ativos saudáveis e leprosos com o objetivo de expulsar os inimigos em nome de Cristo” (ALEXANDRE IV apud DEMURGER, 2002:38). No final do século XIII, com o arrefecimento da lepra no Oriente, a ordem de São Lázaro acaba admitindo e agregando indivíduos saudáveis ao lado de leprosos, igualando em muito as mesmas condições dos cavaleiros templários, hospitalários e teutônicos (MARCOMBE, 2003:14). Evidentemente, a vocação hospitalaria da assistência aos leprosos deixou de ser a principal função, perdendo força diante das atividades militares.

Considerações Finais

Na cidade de Acre, o destino selou o final das atividades institucionais da ordem na Terra Santa, no momento em que o sultão do Cairo sitiou a cidade em 1291. Os lazarisitas conseguiram reunir cerca de 25 cavaleiros da ordem para a batalha. Durante a noite do dia 15 para o 16 de abril de 1291, o mestre do Templo, Guilherme de Beaujeu, empreendeu uma ação repentina contra as posições do exército inimigo tentando acabar com o cerco da cidade. No entanto, o fracasso viera por um erro do acaso, quando os cavalos tropeçaram nas cordas das tendas dos inimigos, revelando seu ataque. Apesar da resistência das forças cruzadas de defesa da cidade de Acre, a última

fortaleza cruzada caiu no dia 14 de maio de 1291, sendo massacrados todos os cavaleiros de São Lázaro, assim como de todas as outras ordens religioso-militares.

Referencial Bibliográfico

Fonte Primária

MARSY, A de. [ed.]. Fragment d'un Cartulaire de l'Ordre de Saint-Lazare en Terre Sainte. Archives de l'Orient latin, Vol.2, Paris, 1883, no. II, p.123-157 apud SAVONA-VENTURA, Charles. *The Knight Hospitallers of the Order of Saint Lazarus*. Grand Priory of Ruzar Briffa's contribution to leprology. Sunday Times [Malta], 29th January 2006. (Publicação Original em: *Journal of the Monastic Military Orders*, October 2008, 1:55).

Bibliografia de apoio

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

ALGRANT, James J. *A More Measured View of the Order of St. Lazarus of Jerusalem*. Disponível em: <http://www.maineworldnewsservice.com/caltrap/tableofcontents.htm> (Acesso às 10: 49h de 12/Maio/2014).

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CRUZ, Alice. *A lepra entre a opacidade do véu e a transparência do toque. Interstícios de sentido na última leprosaria portuguesa*. Dissertação de mestrado em Sociologia. Programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2008.

DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo - templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DUARTE, Luís Miguel – “Marginalidade e Marginais”, in *História da Vida Privada*, dir. de José Mattoso, *A Idade Média*, coord. de Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2010, p. 170-196.

GARCÍA-GUIJARROS RAMOS, Luis. *La militarización de la Orden del Hospital: líneas para un debate*. In: *Ordens Militares: guerra, religião, poder e cultura*. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Vol. 2. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela, 1998. p. 293-302.

HAMILTON, Bernard. *The Leper King: Baldwin IV and the Crusader Kingdom of Jerusalem*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

JOINVILLE, Jean. *La Vie de Saint Louis*. (Org. MONFRIN, J.) Paris: Classifiques Garnier, 1995. N.540. p. 257-268.

JUNIOR, Hilário Franco. *As Cruzadas*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KOHOUT, Natalie. *The Order of St. Lazarus in the Latin East*.

Disponível em: <http://www.militaryhistoryonline.com/crusades/articles/stlazarus.aspx>

Publicado em 28/05/2005; (Acesso em: às 13:45h do dia 24/Abril/2014).

MARCOMBE, David. *Leper Knights: The Order of St Lazarus of Jerusalem in England, 1150-1544*. Woodbridge: The Boydell Press, 2003.

MARQUES, José. “A Assistência no Norte de Portugal nos Finais da Idade Média”. *Revista da Faculdade de Letras: História*, II série, vol. VI, Porto, 1989, p. 11-93.

MATEUS, Paris. *Chronica Majora*. In: J.A. Giles [tradução]. *Matthew Paris's English History from the year 1235 to 1273*. Londres: H.G. Bohn, 1854, Vol. III, p.327-328.

MOLLAT, Michel. *Pauvres et assistés au Moyen Age*. In: *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média. Actas das 1^{as} Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, tomo I, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1973, p. 11-27.

RAWCLIFFE, Carole. Learning to love the Leper: aspect of institutional charity. In: *Anglo Norman Studies*, xxiii. p. 231-250, 2003.

RUY, Bruno Mosconi. “As Origens da Ordem Militar dos Hospitalários”. Congresso Internacional de Historia. 21-23 de Setembro de 2011. p. 2543-2552.

SAINTY, Guy Stair. *The Order of St. Lazarus*. Disponível em: <http://www.chivalricorders.org/orders/self-styled/lazarus.htm> (Acesso: às 14h do dia 17/Abril/2014).

SAVONA-VENTURA, Charles. *L-Ordni Militari u Hospitaljer ta' San Lazzru ta' Gerusalem vs Torri Lanzun*. Il-Huggiega ta' San Gwann, June-August 2006.

_____. *Medieval Dermatological Hospitaller Orders*. The Synapse – The Medical Professionals' Network, January 2006.

_____. *The Domus Leprosorum in Crusader Jerusalem*. It-Tabib tal-familja - Maltese Family Doctor, 2005, 14(2):67-70.

_____. *The Knight Hospitallers of the Order of Saint Lazarus*. Grand Priory of Ruzar Briffa's contribution to leprology. Sunday Times [Malta], 29th January 2006. (Publicação Original em: *Journal of the Monastic Military Orders*, October 2008, 1:55-64).

- _____. *The Hospitaller Order of Saint Lazarus*. ASMMH, Malta, 2005: Leprosy and the Lazarites. Sunday Times [Malta], 30th January – 6th February 2005.
- SIBERT, Gautier de. *History of The Military and Hospitaller Order of Saint Lazarus of Jerusalem*. Paris: De l'Imprimerie Royale, 1772.
- SOURNIA, Jean-Charles e RUFFIÉ, Jacques. *As Epidemias na História do Homem*. Lisboa: Edições 70, 1986. p.131-142.
- TAVARES, Maria José Ferro. *Pobreza e morte em Portugal na Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- The Memoirs of the Lord of Joinville. *A New English Version*. Disponível em http://www.ordotempli.org/memoirs_of_the_lord_of_joinville.htm (Acesso às 16: 30h do dia 15/Maio/2014).
- TOUATI, François-Olivier. *Maladie et société au Moyen âge: la lèpre, les lépreux et les léproseries dans la province ecclésiastique de Sens jusqu'au milieu du XIVe siècle*. Paris: De Boeck Université, 1998.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental. Séculos VIII-XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- VELDE, Francois. “Revived Orders of Chivalry:” *The Case of the Order of St. Lazarus*. Disponível em: <http://www.heraldica.org/topics/orders/lazarus.htm> (Acesso às 10h do dia 5/Maio/2014).